

DOI: 10.12957/transversos.2021.52976

RUY DUARTE DE CARVALHO: O DIZER POÉTICO DE ANGOLA  
RUY DUARTE DE CARVALHO: A POETIC SAYING OF ANGOLA

Julia Goulart Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Brasil  
julinha.goulart@yahoo.com.br**Resumo:**

O presente artigo busca analisar a escrita de Ruy Duarte de Carvalho, cuja construção textual cria um dizer poético de Angola. A leitura dos ensaios *Vou lá visitar pastores*, *Actas da Maianga*, *o dizer das guerras*, *em Angola...* e *A câmara, a escrita e a coisa dita...* e de um dos poemas do livro *Hábito da terra* permite compreender a existência de uma estética literária e de uma argumentação que sustentam uma imagem particular do país, marcada pela voz das tradições angolanas. Gesto de escrita - que por meio da Antropologia e da mitopoesia - critica a visão fantasiosa do país por parte de um pensamento ocidental, comunicando e distinguindo outras formas de organização da razão humana.

**Palavra-Chaves:** Poesia; Ensaios; Angola; Ruy Duarte de Carvalho.

**Abstract**

This article seeks to analyze the writing of Ruy Duarte de Carvalho, whose textual construction creates a poetic saying of Angola. Reading the essays *Vou lá visitar pastores*, *Actas da Maianga*, *o dizer das guerras*, *em Angola ...* and *A câmara, a escrita e a coisa dita...* and one of the poems in the book *Hábito da terra* allow me to understand the existence of a literary aesthetic and an argument that sustain a particular image of the country, marked by the voice of Angolan traditions. Gesture of writing - which, through Anthropology and mythopoesy - criticizes the fanciful vision of the country by a Western thought, communicating and distinguishing other forms of organization of human reason.

**Keywords:** Poetry; Essays; Angola; Ruy Duarte de Carvalho.

Representar Angola é um gesto de linguagem que perpassa algumas questões inerentes também ao processo de pôr o continente africano em discurso. Se a arte produz imagens - sejam visuais (artes plásticas e cinematográficas) ou verbais (literatura escrita ou oral) - os significantes Angola e "África"<sup>1</sup>, por meio da representação, sofrem uma construção imagética, desde o período colonial até a contemporaneidade, responsável pela formação de um imaginário coletivo ocidental, notadamente exótico e fabuloso. Dos estigmas e estereótipos que sustentam esse pensamento opressor, destaco a ideia de supremacia da razão crítica cartesiana. Noção que desvaloriza outras linhas de organização do pensamento. Nesse sentido, tudo o que foge à lógica e à visão de mundo do sistema de produção capitalista, que escapa a esse centro magnético e irradiante, é menosprezado e posto em posição periférica.

---

<sup>1</sup> A palavra África foi grafada com os sinais de aspas, a fim de evidenciar o seu caráter ambíguo, já que se trata de um continente formado por diferentes países e culturas e não de um território único e homogêneo.

Pretendo, neste artigo, discursar sobre o autor angolano Ruy Duarte de Carvalho. Por meio da análise de algumas obras do escritor, busco demonstrar a construção de um texto que recria a profusão das relações humanas. A literatura de Ruy Duarte de Carvalho apreende o poético das tradições orais, o que contribui para a quebra desse imaginário fabuloso sobre os países africanos, e no caso do autor, sobre Angola. Tal gesto de escrita é realizado com base na presença constante da Antropologia – razão de ser das suas obras – e de um fluxo textual mitopoético. Iniciarei a análise com o ensaio sobre os pastores Kuvale *Vou lá visitar pastores* (2000), com o intuito de discorrer sobre a visão crítica do autor em relação às sociedades pastoris. Em seguida, tratarei do ensaio *Actas das Maianga... dizer das guerras, em Angola...* (2003), a fim de apresentar e discutir a argumentação do autor em relação à imagem internacional de Angola. Por fim, recorrerei a obra poética *Hábito da terra* (1988), colocando em ênfase os desdobramentos de uma poesia que se dá ao encontro com outras cosmovisões e saberes. A partir disso, pensarei sobre a mitopoesia e utilizarei o ensaio do autor *A câmara, a escrita e a coisa dita...* (2008). Como apoio teórico, me apoiarei no capítulo “A tradição viva” de Hampâté Bâ que integra o livro *História Geral da África* (2010), na obra *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto* (2019) de Elena Brugioni e em outros artigos sobre Ruy Duarte de Carvalho e sobre o assunto da mitopoesia.

Ruy Duarte de Carvalho nasceu em Santarém (Portugal) no dia 22 de abril de 1941 e faleceu em Swakopmund, Namíbia, em 12 de agosto de 2010. Apesar de seu nascimento ter acontecido em território português, optou pela cidadania angolana. Todo o conjunto de sua obra trata de Angola.

No campo da literatura, Ruy Duarte de Carvalho escreveu poesias, narrativas, ficções, romances e ensaios. Entretanto, realiza uma hibridação constante entre esses gêneros literários. Um toca o outro. Como resultado, há uma escrita ensaística, cuja teoria é irrigada de poesia e poemas, que apreendem o poético de histórias presentes nas tradições orais. No tocante à ficção e à narrativa, destaco os romances *Os papéis do inglês* (2000) e *Desmedida* (2007). Como ensaios, cito *Actas da Maianga... dizer das guerras, em Angola...*, *A câmara, a escrita e a coisa dita* e *Vou lá visitar pastores*. Em *Os papéis do inglês*, Ruy Duarte de Carvalho cria uma ficção, cuja trama é urdida e misteriosa. O personagem principal, o professor, busca desvendar o suicídio do caçador de elefantes. As paisagens e as civilizações descritas são construídas por um olhar antropológico, mas esse olhar vai além da Antropologia. O movimento acelerado e pulsante do narrar acompanha

um olhar agudo que examina e põe em questão a dinâmica da sociedade angolana. *Actas da Maianga... dizer das guerras, em Angola...* é uma espécie de ensaio, que, mesclado a relatos pessoais, discute a guerra em nível global e nacional e suas consequências para a população de Angola. *A câmara, a escrita e a coisa dita* é um ensaio sobre o cinema. O cineasta apresenta sua série de 6 horas de documentário denominada *Presente angolano, tempo Mumuila* (1979). A partir disso, ele tece uma discussão sobre a relação entre poesia, cinema e Antropologia, criticando a noção clássica de filme etnográfico, propondo um cinema que vai além da visão da Etnografia. Por fim, *Vou lá visitar pastores* é uma narrativa perpassada pelo estudo da Antropologia, entretanto, o labor poético do dizer, ultrapassa a epistemologia etnográfica, tornando-se um texto literário e poético.

A obra poética de Ruy Duarte de Carvalho organiza-se assim: seu primeiro livro de poesia *Chão de oferta* foi publicado em 1972, seguido de outros como *A decisão da idade* (1976), *Exercícios de crueldade* (1978), *Sinais misteriosos... Já se vê ...* (1980), *Ondula, savana branca* (1982), *Lavra paralela* (1987), *Hábito da terra, Memória de tanta guerra* (1992), *Ordem de esquecimento* (1997), *Lavra reiterada* (2000), *Observação directa* (2000) e *Lavra* (2005) (poesias reunidas de 1997-2000).

Gostaria de partir de um ponto de observação específico para iniciar o assunto e oferecer-lhe uma entrada de análise mais grata. Recorro, então, ao livro *Vou lá visitar pastores* de Ruy Duarte de Carvalho. Tal obra, a meu ver, é um encontro. Afirmação que fixo sem receios, já que se trata de um texto que une a Etnografia à literatura. Junções e costuras arrematadas pela poesia. O leitor sabe que se trata de viagens. Os deslocamentos pelos territórios Kuvale por parte do autor constituem as margens fluidas de paisagens e imagens caleidoscópicas de uma profunda viagem, isto é, aquela que se dá através de uma escrita que desmancha conceitos canonizados e estereótipos sociais.

*Vou lá visitar pastores* é, por um primeiro olhar, uma transcrição de fitas cassetes gravadas, de acordo com o narrador<sup>2</sup>, durante uma exploração pelas paisagens habitadas pelos Kuvale entre os anos de 1992 a 1997. A gravação teria sido realizada para servir de apoio ao seu amigo que não pôde comparecer à viagem. Com a leitura das páginas iniciais, deparo-me com um convite, evidenciado pelo uso de formas verbais no modo imperativo, que chama o interlocutor a

---

<sup>2</sup> Destaco que o termo “narrador” foi escolhido para denominar a voz enunciativa presente na obra *Vou lá visitar pastores*. Entretanto, há uma confluência de vozes narracionais múltiplas nesse texto, constituídas pelo próprio Ruy Duarte de Carvalho como escritor e como antropólogo. Em algumas passagens, o foco narrativo que conta a vida dos Kuvale é desviado, o que dá voz às subjetividades das experiências do autor e às reflexões poéticas, filosóficas e sociais. Os excursos, nesse sentido, caracterizam uma voz enunciativa complexa que adquire as diversas faces da personalidade de Ruy Duarte de Carvalho.

conhecer “A Angola que eu sei que espera por ti” (CARVALHO, 1999: p. 16). São as descrições das paisagens, carregadas de um labor poético do dizer, cujo uso de sinestésias e metáforas faz o interlocutor, mais que conhecer, viver a poesia do espaço, quando o narrador diz “Aproxima-te da praia... Sentirás o cheiro, sobretudo, do peixe seco que é vendido ao lado, e é esse o cheiro onnipresente e grato que guardo daqui, na infância” (CARVALHO, 1999: p. 17). É, assim, que percebo logo que não se trata de um ensaio sobre a etnografia Kuvale aos moldes acadêmicos, mas sim, de algo que Ruy Duarte de Carvalho busca na sua poesia propriamente dita, aquilo tão presente em *Hábito da terra*.

Os Kuvale são uma sociedade herera formada por sub-grupos diferenciados entre si que habitam a Namíbia. Eles convivem com outros grupos *bantu*, como os Nyaneka e os Kwanyama, culturas repensadas e recriadas pela poesia de *Hábito da terra*. Acredito ser possível entender que não estou a me referir às mesmas sociedades. Kuvale, Nyaneka e Kwanyama são peças complexas, particulares e distintas de um enorme mosaico social que é Angola para Ruy Duarte de Carvalho. Os Kuvale são povos pastores. Nesse sentido, como muitas sociedades pastoris e agro-pastoris, são encaradas pelos ocidentais por meio de um olhar estigmatizado e exótico. Sobre as efabulações que giram ao redor das sociedades angolanas e africanas em geral, Achille Mbembe discorre em sua obra *Crítica da razão negra*. O filósofo define o *signo negro* como um imaginário coletivo, caracterizado por uma ideia de redenção e de pureza, pensando em uma humanidade reconciliada com a natureza. Esta seria o lugar, no qual, um ser humano fragmentado pela imposição de normas civilizatórias, à força do filtro do “super-ego”<sup>3</sup>, à maneira da Psicanálise de Freud, reencontra sua liberdade, quando pode perceber a potência de seus desejos. Se a efabulação é um exercício constante praticado por aquele que impõe o conceito de supremacia racial, de acordo com Mbembe, Ruy Duarte de Carvalho, em contrapartida, cria uma literatura que desmitifica esse gesto estigmatizado, porque ressalta e reforça outras lógicas existentes para além do mito da superioridade da razão iluminista. Afirmando, desde já, que a Antropologia nas obras de Ruy Duarte de Carvalho está sempre acompanhada por uma visão crítica. Mesmo em textos de pura poesia, como *Hábito da terra*, entendo uma carga de questionamentos que se dá no âmbito da palavra, musicalidades e grafias, cujas imagens sonoras dão voz aos silenciamentos impostos pelos tempos da colonização.

---

<sup>3</sup> Conceito desenvolvido por Sigmund Freud em seu livro *Cinco lições de Psicanálise* (1910). O super-ego atua na psique humana de forma a controlá-la de acordo com os ideais comportamentais previstos pela civilização.

A leitura de *Vou lá visitar pastores* é uma experiência que permite a constatação de passagens importantes para o entendimento de uma consciência antropológica sempre presente na escrita de Ruy Duarte de Carvalho. O estigma das sociedades pastoris em Angola e em outros países da África é uma prática generalizada, decorrente do choque sofrido pela imposição colonial e pelos valores capitalistas ocidentais. Os deslocamentos constantes e a economia de subsistência são comportamentos sociais e econômicos que incomodam a lógica ocidental. Afirmação que pode ser entendida pelas próprias palavras do narrador:

Não custa entender. Sociedades pastoris como as do Kuvale, e são muitas e com muitos pontos em comum as que prevalecem em África e é nesse universo que te estou a introduzir, atestam a evidência, pouco cómoda, desconfortável, de que mesmo ali à mão existem outros tempos, outras idades, que em si mesmos constituem uma afronta para a ordem que se pretende dominante e para a afirmação do progresso, da adopção dos sinais do progresso. (CARVALHO, 1999: p. 27).

Essa imagem deturpada também é recorrente em Angola, onde os Kuvale são conhecidos como “mucubais”, termo utilizado para denominar indivíduos que roubam o gado alheio, e sofrem de um processo denominado “produção folclórica”, o que é explicado da seguinte forma por Ruy Duarte de Carvalho:

Isto de voluntarismos folclóricos passa a ser também uma violência quando, a coberto de necessidades de *afirmação cultural* e de cultos políticos que recorrem à *tradição*, se propõe a reabilitação de um passado quando o que afinal se exhibe é antes a representação viciada a que o presente reduz esse passado. (CARVALHO, 1999: p. 29)

O narrador de *Vou lá visitar pastores*, munido da posição de observador e tocado pelo desejo de fazer jus à complexidade estrutural social e econômica dos Kuvale, realiza um estudo profundo sobre o *ethos* dessa sociedade, análise que vai desde a economia da circulação do gado às religiosidades, sentimentos, visões de mundo e comportamentos. Mas por que narrar tudo isso? Indaga-se o narrador, então:

Quererás tu, ou poderá interessar-se, ou ajudar-te, saber o que ando eu próprio para aqui a fazer, investido há mais de cinco anos num projecto que ninguém me encomendou e a tentar por todos os meios torná-lo socialmente rentável sem perder no entanto de vista que se trata de facto de um projecto pessoal que em plena consciência me atrevo a manter e a sustentar apenas porque através dele não descuro, antes reforço, as obrigações e actuações que entendo inerentes ao meu lugar cívico, sem prejuízo, antes como benefício, para a comunidade em que ocupo lugar de cidadão em condições de agir segundo os seus próprios recursos e instrumentos? (CARVALHO, 1999: p. 101)

“Apreender o presente Kuvale” – palavras do narrador – é um gesto de escrita e de colocação cívica. Olhar para outro e integrar-se na situação e lógica às quais não se pertence é um ofício etnográfico que reforça a atuação do sujeito na sua própria sociedade de origem.

Para além dos aspectos político-sociais e da Antropologia como ciência pura, detenho-me em trechos de pura poesia. E são esses que se incorporam ao dizer poético de Angola, pois

aprendem não só o sentir das sociedades pastoris, mas os sentidos poéticos da existência, o que é visto neste fragmento:

E ao longe, lá, brilhava a fogueira de um *sambo* distante. Seria o pastor da minha ficção ou antes talvez, agora e na hora em que o dia raiava, alguém no exercício apenas da sua honesta e rude transumância, e o resto é poesia? (CARVALHO, 1999: p. 111)

Sim, respondo à pergunta da citação anterior: a transumância é a poesia. E explico essa resposta com palavras do próprio Ruy Duarte de Carvalho que, metapoeticamente, teoriza sobre a sua poesia:

Também no entanto a transumância a mim me cheira a poesia e a transumância é afinal a fórmula ecológica que sustenta a resposta social dada ao meio pelo sistema económico e cultural dos Kuvale e de todas as sociedades pastoris. E se para entenderes a transumância tens que interessar-te por pastagens, por capins, águas, solos climas, então a intrusão da poesia resulta imediata? Ou será deformação minha? .... Pode ser .... Mas a mim exalta-me saber que os solos que piso, aqui onde avaria me deixou ficar são solos *arídicos pardos*, uns com crosta calcária, outros não, *halomórficos e litólicos* [...] É música. [...] É um delírio verbal. (CARVALHO, 1999: p.112)

A poesia das paisagens, do chão e dos seres humanos que os habitam são o palpável apreendido pelos olhos do “poeta-viagente”, ou seja, aquele que vai além de um espaço já consagrado pela literatura angolana (Luanda) para reafirmar o seu lugar cívico e por lá também tratar de outras questões inerentes ao ofício de poeta. Assumo o uso do verbo “aprender”, pois esse é o mesmo verbo escolhido pelo narrador, que aparece com frequência em *Vou lá visitar pastores*. Mas, se é a visão que dá razão de ser à etnografia dos lugares, é a poesia que possibilita a existência de uma musicalidade dos espaços. A descrição das paisagens em algumas passagens, nas quais são empregadas palavras em latim e grego, possibilita uma cadência ao texto, cuja sonoridade é um movimento percebido por uma escrita autoconsciente de sua essência poética.

Há, portanto, um encontro entre poesia e etnografia. Entendo, com a leitura de *Vou lá visitar pastores*, que o exercício da Antropologia nas obras de Ruy Duarte de Carvalho ultrapassa a vocação científica, tornando-se uma orientação, além de político-social e estilística, pessoal e existencial: “Não é só a salvação dos Kuvale que está em causa, é a minha também...” (CARVALHO, 1999: p.359).

Em relação à tradição, assunto discutido em alguns textos ensaísticos de Ruy Duarte de Carvalho, como *Vou lá visitar pastores* e *Actas da Maianga... dizer da guerra, em Angola...*, recordo-me do capítulo “A tradição viva” de Hampâté Bâ que integra o livro *História Geral da África* (2010), outro texto que também discorre sobre a questão cultural, cujo foco é centrado nas tradições africanas. Hampâté Bâ realiza um estudo profundo e minucioso do funcionamento dos saberes tradicionais nas sociedades da savana ao sul do Saara. O olhar para essas tradições revela uma

estrutura de pensamento diferenciada e uma outra organização intelectual que foge ao senso comum ocidental cartesiano. Neste, a escrita é o canal científico de maior importância utilizado para a transmissão e consolidação dos conhecimentos. Entretanto, nas etnicidades citadas pelo autor, o saber aproxima-se mais de uma cadeia, um fluxo interrompido que se renova a cada geração, o que se diferencia da educação ocidentalizada, já que o conhecimento é a própria unidade da vida e não se divide em saberes formais e informais, nomenclatura utilizada pelos estudiosos da Pedagogia do mundo ocidental. Nesse sentido, o leitor é capaz de entender a força que a palavra conserva nessas tradições. Dizer é exercer um poder. A palavra dita é a movimentação do *cosmos*, que tenta reequilibrar suas forças, como é visto por Hampâté Bâ na tradição Bambara. Os seres humanos, descendentes de *Maa*, o primeiro homem, possuem o dom da palavra oferecido por *Maa Ngala*, o deus supremo. Eles são os guardiões do universo e os responsáveis pela manutenção do equilíbrio entre todas as formas de vida. A palavra é divina<sup>4</sup>. A língua é um processo em constante transformação, isto é, uma espécie de codificação da *physis*. É o que observo neste trecho de “A tradição viva” de Hampâté Bâ:

À imagem da fala de *Maa Ngala*, da qual é um eco, a fala humana coloca em movimento forças latentes, que são ativadas e suscitadas por ela – como um homem que se levanta e se volta ao ouvir seu nome. [...] A tradição, pois, confere a *Kuma*, a Palavra, não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia africana. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010: p. 172-173)

No tocante à palavra e à tradição, estabeleço uma relação direta com Ruy Duarte de Carvalho, que, em sua obra, embora com abordagens distintas em cada uma delas, realiza um encontro poético entre a palavra e a tradição. O dizer poético de Angola e suas tradições é constituído por uma escrita consciente do ofício singular que é o gesto de criar uma grafia de formas nem sempre tangíveis. “Dizer em português uma noção nyaneka.” (CARVALHO, 2004: p. 11). Além do transporte que vai da língua falada à escrita, ainda há o trabalho da tradução para o Português. Digo: são tensões que, na poesia de Ruy Duarte de Carvalho, não se revelam propriamente de maneira conflituosa, porque são tocados por um labor poético da palavra.

Hampâté Bâ também destaca o papel dos *domas* e dos *griots* na organização social, política e econômica dessas tradições africanas. Segundo ele, os *griots* são responsáveis pela genealogia das famílias, pelas negociações entre elas e pela difusão das notícias, ou seja, uma espécie de arquivistas e historiadores. Ainda há a função de contador de histórias que permanece no

---

<sup>4</sup> Destaco que essa palavra não carrega um traço incorpóreo, volátil ou intangível, mas sim, uma potência ligada à materialidade da vida e do humano.

imaginário dos leitores das literaturas africanas, característica fixada que não resume a importância dos *griots* para essas sociedades. A voz narracional vista em muitos textos das literaturas africanas é, muitas vezes, comparada ao *griot*, haja vista o ato de abrir e fechar a história e a valorização da oralidade. Apesar dessa forte presença do narrador-*griot* nas narrativas africanas, é preciso dizer que os sujeitos líricos dos poemas de Ruy Duarte de Carvalho escapam a essa classificação. A voz enunciativa da obra do autor angolano não é *griotizada*, seja essa de um poeta ou de um narrador. Deparo-me com a não-*griotização* do poeta, pelo menos à maneira clássica do conceito. O eu-poético não conta, mas sim, diz e reflete, o que se estende para a voz de outros textos seus também considerados não-poéticos à primeira vista. A marca da Antropologia, ciência em seu âmago antes do mais, afeta a escrita, mas se afasta do âmbito científico e faz surgir uma linguagem que se diz por si mesma. Enquanto a linguagem do *griot* carrega uma carga de informações caudalosa, sendo duradoura, porque conserva o signo dos tempos acumulados, a linguagem de Ruy Duarte de Carvalho perdura no breve instante em que consegue o alçar da palavra poética. Essa nasce e morre ao mesmo tempo e não se acumula porque é potência. A voz enunciativa de Ruy Duarte de Carvalho, todavia, se aproxima das outras funções do *griot* citadas por Hampâté Bâ – o arquivista, o historiador, o antropólogo e o poeta do dizer poético de Angola, funções que encontrei com clareza no livro *Vou lá visitar pastores* e também na obra *Actas das Maianga... dizer das guerras, em Angola...*

Já que me referi ao ensaio de Ruy Duarte de Carvalho *Actas das Maianga... dizer das guerras, em Angola...*, procurarei levantar algumas de suas principais reflexões. Considero esse livro uma obra de cunho político-social latente. Ruy Duarte de Carvalho elabora uma análise do contexto da guerra em Angola, demonstrando como o olhar internacional interfere diretamente nas lógicas nacionais, provocando um conflito entre a tradição e o que se chama de modernidade. É interessante perceber como a visão de Ruy Duarte de Carvalho tende a problematizar as relações, construindo uma argumentação inteligente e particular ao mesmo tempo em que se apropria de uma linguagem poética com passagens líricas no decorrer do texto. O trabalho com a Antropologia nas obras do autor atinge, nesse ensaio, um de seus objetivos como antropólogo: agir em prol da comunidade em que ele se insere e estuda. Tal afirmação, eu a encontrei no capítulo “Para além do filme etnográfico” de outro livro de ensaios denominado *A câmara, a escrita e a coisa dita*. Segundo Ruy Duarte de Carvalho, o antropólogo do terceiro-mundo (nomenclatura, atualmente, que possui um valor pejorativo, todavia, ainda é válida) é capaz de

realizar a sua pesquisa sem estar totalmente a serviços de controle das organizações de produção, isto é, das políticas de dominação, as quais tentam impor uma ideia de progresso que nem sempre cabe às sociedades. A sua pesquisa deve ter uma razão de ser científica, uma compreensão das relações, antes de uma militância desenfreada.

Ao falar da guerra, Ruy Duarte de Carvalho realiza uma análise que se inicia de fora das fronteiras de Angola com o intuito de repensar os conflitos internos a partir de um olhar externo; contribui, assim, a partir da Antropologia mesclada a outras ciências, para a desmistificação da imagem negativa do país. O autor mostra que as guerras internas que ocorriam em Angola no tempo da escrita do livro eram enxergadas pelo resto do mundo de forma equivocada. Os problemas enfrentados pelo país eram exibidos de forma grosseira e deturpada pela mídia internacional, o que gerava uma interpretação da situação, na qual os angolanos eram vistos como uma nação que não se adequa ao conceito de modernidade difundido pelas grandes potências econômicas mundiais. Mais que isso: a sociedade é vista como uma espécie de cultura “defeituosa”, composta por indivíduos com falhas de caráter inerentes ao seu próprio DNA, destinados ao fracasso. A conclusão de Ruy Duarte de Carvalho, com base nessa observação, era que Portugal, como exemplo de país difusor da noção de civilização branca e ocidental, também seria uma espécie de colônia, o qual também sofreria com processos imperialistas vindos de outros países. Recordo-me, então, da expressão “Próspero calibanizado”<sup>5</sup> de Boaventura de Sousa Santos, a qual se encaixa nessa definição do lugar de Portugal que não conhecia bem seu papel nas relações internacionais.

Sobre as relações internacionais, Ruy Duarte de Carvalho efetua uma reflexão acerca das intervenções de outros países no território de Angola, dizendo isto: “Quem governa aqui são de facto as Ong’s” (CARVALHO, 2003: p. 70). Atentando para as populações Kuvale, o autor pensa sobre a dinâmica interna dessas sociedades. Ele deixa claro que o contato de uma lógica endógena (o conjunto de costumes e organizações políticas, sociais e econômicas internas) com uma lógica exógena pode provocar colisão – uma interação imposta e forçada –, o que pode desencadear um processo de crise e um desequilíbrio no sistema anteriormente consolidado. A economia mercantil advinda das potências imperialistas destrói a economia de subsistência dos Kuvale. Esse

---

<sup>5</sup> A expressão retoma, primeiramente, a peça de Shakespeare *A tempestade* (1610-1611). Próspero é um personagem que representa a figura do colonizador; e Caliban, a do colonizado. Há uma releitura dessa peça feita por Aimé Césaire denominada *Uma tempestade* (1969), cuja construção é crítica e problematiza a relação entre colonizador e colonizado. Essa expressão é encontrada no artigo de Boaventura de Sousa Santos intitulado “Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade”.

cenário de intervenção é, portanto, o vetor que impõe as guerras internas e contribui para a construção da imagem de um destino trágico irreduzível dessas sociedades angolanas.

Com uma análise profunda da questão das guerras internas, Ruy Duarte de Carvalho mostra que, na verdade, os conflitos ultrapassam o contexto angolano e possuem uma provocação internacional. Tal argumento já é sugerido no título do ensaio *Actas da Mainganga... dizer das guerras, em Angola...*, pelo uso da vírgula. O narrador, embora, tome a guerra como algo maior, cuja ocorrência se dá em diversos países do mundo, narra as particularidades adquiridas em Angola:

Isto pensava eu, a viajar pelo deserto... ou então... opção possível: tratar não a guerra de Angola, nem a guerra em Angola, mas Angola na guerra. Fazer transitar a questão do enunciado de uma categoria analítica - Angola como Estado ou como país - para uma categoria empírica: Angola como referente semântico a querer dizer Angolanos. (CARVALHO, 2003: p. 30)

Através de suas viagens, Ruy Duarte de Carvalho cria uma escrita de denúncia marcada pela experiência de um testemunho poético. O dizer poético de Angola nesse ensaio revela-se como um estudo antropológico que se mescla à poesia e devolve à sociedade sua voz narrativa, que há tanto havia sido (opto pelo uso do tempo verbal no pretérito mais que perfeito, entretanto, essa situação ainda se estende de certa forma à contemporaneidade) reescrita por outros narradores que usam fetiches, fantasias e exotismos para representar o continente africano. Em seu livro *Literaturas Africanas Comparadas Paradigmas críticos e representações e contraponto* (2019), Elena Brugioni discorre sobre essa questão da representação no campo das literaturas africanas, o que é visto neste trecho:

Dessa forma, a representação corre o risco de reproduzir uma narrativa “estabelecida”, sobretudo nos meios de comunicação, que corresponde ao que tem sido definido como “história única”, proporcionando um conjunto de questões direcionadas a uma problematização complexa no que concerne às práticas de representação - escritas ou visuais - e ao horizonte de expectativa e recepção em que se inscrevem, e sugerindo uma reflexão situada que obriga a repensar o significado das representações e o seu agenciamento no que tem sido descrito como “sociedade do relato”. (BRUGIONI, 2019: p. 128)

O ato de contar em *Actas da Mainganga... dizer das guerras, em Angola...* é uma entrada crítica na realidade grafada pela poesia das viagens realizadas por Ruy Duarte de Carvalho. Nesse sentido, o seu conjunto de obra sugere práticas de representações escritas que não reproduzem essa “narrativa estabelecida” nos meios de comunicação, que contribuem para uma imagem negativa de Angola.

Em relação à obra poética *Hábito da terra*, pretendo interpretar a releitura realizada por Ruy Duarte de Carvalho do provérbio Kwanyama “A minha bengala, metida em espinheiras, dentro do cercado/Está longe de casa o meu melhor escravo”.

Sobre o provérbio mencionado, o poeta declara:

Está escravo da casa o meu melhor longe, sou escravo da casa dentro do cercado, cerquei-me de casas. Longe de espinheiras eu sou a bengala cercada de escravos. Sou escravo do longe que cerquei de casas dentro de espinheiras. Estou dentro de casa, longe do cercado, cercado de longe em casa de escravo. Estou longe do longe que há no meu cercado. (CARVALHO, 2004: p. 25)

A primeira sensação que toca os ouvidos do leitor é o ritmo. A mescla e a repetição dos termos “longe” e “cercado/a” promove uma cadência no poema. Penso que esse jogo com as palavras provoca uma sonoridade particular comum à linguagem de Ruy Duarte de Carvalho: a repetição faz a palavra ecoar continuamente. E o signo dissocia-se do significante até que o significado seja apagado aos poucos e adquira novas significâncias. A catarse do poema dá-se na poesia da fonética.

Semelhante a essa releitura do provérbio, há outra, de origem Kwanyama: “Os duros trabalhos que lhe foram dados para fazer na ombala...”. Nesse caso, a sonoridade é tão intensa que a palavra parece dissolver-se, fundir-se no papel com as outras até que haja o apagamento das letras e tudo seja apenas som, o que pode ser percebido no seguinte fragmento:

varrer as ajudas  
secar os apenas  
derrubar as linhas  
  
derrubar as linhas  
derrubar as linhas  
derrubar as linhas.  
(CARVALHO, 2004: p. 27)

O poeta derruba as linhas, símbolo da marca da caligrafia. As linhas desfalecem a cada verso e tem-se, somente, a voz das palavras. As linhas revelam-se como uma imagem de algo limitador, já que a caligrafia é um gesto penoso, cujos contornos circundam as letras e prendem os sentidos. Derrubar as linhas é um desejo do poeta que almeja alçar a linguagem a uma potência poética arrebatada de novas significações, as quais escapam ao senso comum da objetividade da comunicação. E ele consegue realizar o seu desejo. As atividades cotidianas representadas na releitura desse provérbio, submetidas a um labor poético do dizer, desprendem-se de um tom monótono de banalidade e a realidade é, então, outra. As margens daquilo que se pretende apreender tornam-se fluidas, sem linhas. Esse trabalho com a questão sonora é um reflexo da presença da Antropologia na obra, já que Ruy Duarte de Carvalho trata de sociedades cujas línguas não possuem registro escrito. Assim, é preciso que o eu-poético crie uma poesia de acordo com o ritmo poético das tradições orais locais. Ruy Duarte de Carvalho, como antropólogo, pesquisou essas línguas, seus sons e mitos. Por isso, é importante evidenciar a questão da mitopoesia em sua obra literária.

Penso em um tempo anterior à lógica iluminista cartesiana e à Filosofia, no qual no qual o conhecimento do mundo se dava através do mito. As narrativas míticas, presentes em diferentes culturas, eram a linguagem que apreendia o real e que desvelava os mistérios da condição humana. O saber, portanto, se fazia pelo ato de desvendar e descobrir a *physis* através da narração do poeta-rapsodo (pensando na figura clássica europeia), do *griot* e até mesmo do *doma*<sup>6</sup>. O sagrado<sup>7</sup> e o oculto revelam-se ao poeta, o que pode ser melhor compreendido com este trecho do artigo de Leandro Gama Junqueira “Literatura: magia da linguagem ou linguagem da magia?”:

O mito aparece como o próprio real/verdade se doando como Linguagem na palavra. O real/verdade se manifestando como Linguagem é a *poiesis*. O mito é, pois, pura poesia. Mito e poesia fazem eclodir o real/verdade. [...] Nesse sentido, o mito resgata a verdade originalmente como *aletheia*: o desocultar se fundamenta no ocultar. É o pleno vigor da *physis* que se revela se ocultando e se oculta se revelando. O assinalar e fixar o acontecimento da verdade se funda no operar da obra de arte. O mito não representa a verdade, antes é a própria eclosão da verdade. Ele poeticamente fecunda a realidade e plasma o real instaurado Mundo. (JUNQUEIRA, 2005: p. 114-115)

A linguagem é um conter e abrir do mundo ao mesmo tempo, pois, os entendimentos são revelados e ocultados por essa simultaneamente. O mito e a palavra fazem parte do ato de dizer. Dizer as coisas é desvelá-las em seu âmago. Invocação e equilíbrio das forças cósmicas à maneira dos saberes Bambara. A palavra de *Maa Ngala* concedida a *Maa* através da poesia.

Essa ligação com a cultura Bambara faz-me recordar, novamente, dos Kuvale presentes no ensaio *Vou lá visitar pastores*. Apesar de o narrador não realizar nenhuma menção direta ao termo “mitopoesia”, acredito que a escrita da obra em si é um exercício mitopoético por excelência. Isso porque Ruy Duarte de Carvalho elabora um texto carregado de uma linguagem poética em sua essência ao mesmo tempo em que costura às palavras uma revelação sobre a complexidade da cultura Kuvale. Digo: um texto que oculta – não falo de uma omissão rígida, caracterizada pela falta e pela perda, antes, de uma escolha e combinação de signos linguísticos – e desvela um sistema de organização social, à medida que se tece uma argumentação partindo do sistema da circulação de gado. Essa obra do autor, a meu ver, é uma imagem metafórica, que se plasma na consciência dos leitores, como um gesto particular de transmitir o conhecimento etnográfico através de uma escrita mitopoética. Nesse sentido, leio *Vou lá visitar pastores* como um desdobramento da lógica mitopoética. Afinal, as sociedades recriadas no texto do autor são

---

<sup>6</sup> O *doma* é o indivíduo responsável pelos rituais de iniciação da tradição Bambara. Ele é entendido como uma figura detentora de grandes saberes e conhecimentos. Nesse sentido, o *doma* introduz os seus aprendizes iniciantes em alguns ofícios específicos, como a metalurgia, a caça e outras atividades.

<sup>7</sup> É importante destacar que a experiência com o sagrado nessas culturas não ocorre de forma etérea e não-corpórea, já que se trata de repensar os significados do mundo através de um gesto acessível ao ser humano.

culturas, cujos mitos ainda são formas de estruturação do pensamento. E essas formas vêm permeadas de poesia, linguagem que apreende melhor o presente dos Kuvale.

Sobre a relação entre mito e poesia, Ruy Duarte de Carvalho discorre em seu ensaio sobre cinema *A câmara, a escrita e a coisa dita...* e diz o seguinte:

Estou sim a atribuir a mito os contornos de uma noção primordial e segura de modo e sistema de conhecimento, de um *corpus* de referências que funciona para o universo da racionalidade analógica como os *corpus* científicos funcionam para o universo da racionalidade experimental moderna. E partindo do princípio que tanto a expressão artística como a expressão poética pertencem sempre, e não podem deixar de pertencer, aos domínios do procedimento simbólico e, mais além, analógico, estou a aventurar-me numa metáfora antropológica segundo a qual sugiro de que forma me parece que a poesia no mundo moderno de hoje responde a uma função assumida pelo mito em sociedades de outro tipo, não tão distantes como isso, algumas bem presentes e fazendo parte, nomeadamente, do presente angolano. (CARVALHO, 1997: p.112)

As relações com a Antropologia estão, portanto, presentes na obra literária e cinematográfica de Ruy Duarte de Carvalho, afirmação que pode ser compreendida em outro trecho do mesmo ensaio:

E a antropologia, que vem fazer no meio de tudo isto? [...] Sou cidadão e agente social num país em que a grande maioria da população se move e se reconhece num quadro conceptual, ou cultural, se quiserem, a que só se tem acesso por duas vias. [...] Assim, tanto a minha consciência de poeta como a de cineasta, e antes disso a de técnico agrário, porque essa função me punha em contato com as populações rurais cuja ruralidade, cuja cultura, enfim, eu entendia mal, me trouxeram à antropologia. Mas devo dizer que foi o cinema que efectivamente me impôs a opção. A quase absoluta totalidade dos filmes que fiz foram rodados no Sul de Angola registando e transpondo para cinema, ritualizando, portanto, os seus comportamentos e os seus testemunhos. (CARVALHO, 1997: p. 113)

A mitopoesia é fluxo que impulsiona a escrita literária de Ruy Duarte de Carvalho, assim como suas obras cinematográficas, também perpassadas pelo labor poético. Penso que a Antropologia, antes do mais, é o conhecimento das culturas do Sul de Angola, saber que leva o poeta a compreender o que lhe salta aos olhos, a profusão das relações humanas, inteiramente desnudo, à espera de uma linguagem que vá além do testemunho e abra veredas líricas. O corpo poético grafado: “[...] traduzir no filme, a particular ressonância da minha própria poesia e a especificidade orientada da minha própria análise sociológica ou antropológica” (CARVALHO, 1997: p. 100)

Em seu artigo intitulado “Ruy Duarte de Carvalho em transumância pelos discursos”, Sandro Ornellas define esse movimento mitopoético na obra do poeta angolano, o que é percebido neste trecho:

Habitar um continente, habitar um chão, é não possuir o próprio corpo para além da posse que se tem do próprio destino quando se vive coletivamente. Nessa “comunhão”, a transumância cotidiana é o próprio mito de um povo, atualizado no rito do

deslocamento espacial, da coleta de frutos e da companhia do gado[...] (ORNELLAS, 2009: p. 206-207)

Os mitos, para além da tradição, são, de acordo com a citação anterior, os saberes correntes da sociedade que implicam, à mesma, uma razão de ser. Isso é reafirmado com a análise das releituras dos dois provérbios referidos. A vida, a verdade e mundo são o momento preciso, em que o dia se desdobra juntamente com as andanças e a lavra. Os pés no chão são o único sentido capaz de absorver o porvir.

O movimento mitopoético no conjunto de obra de Ruy Duarte de Carvalho incorpora uma linguagem que ao mesmo tempo que revela, oculta o seu âmago através de um labor poético do dizer. Se o poeta apresenta ao leitor uma cultura e suas particularidades, gesto que representa o desvelamento, ele também cria um desvio pelo uso da linguagem metafórica, o que é a própria poesia, porque, talvez, dizer poético de Angola seja tomar uma postura de escrita custosa. Afinal:

*Os duros trabalhos que lhe foram dados para fazer na ombala:  
vedar com uma linha um rombo num tanque  
varrer as macutas sem usar vassoura  
com a ajuda de um cesto transportar a água  
abater um boi servido de agulha  
esfolar esse boi apenas com as mãos  
derrubar um pau só com as próprias unhas  
secar a farinha espalhando-a na água.  
(CARVALHO, 2004: p.26)*

Leio, então, a resignificação do provérbio “Os duros trabalhos que lhe foram dados para fazer na ombala” como uma imagem poética construída ao longo do poema que espelha um eu-poético autoconsciente do próprio fazer do texto. A mitopoesia é mais que uma relação entre poesia, mito e Antropologia. Digo: o movimento mitopoético é a potência e a razão de ser da etnopoesia. Perpassado por uma linguagem erótica, a qual oculta e mostra ao mesmo tempo – como um corpo caligrafado que seduz – a mitopoética de Ruy Duarte de Carvalho fecunda e concebe um encontro com a Antropologia, penetrando-a e transformando-a com palavras tocadas pelo labor poético.

A Antropologia é um gesto literário realizado por Ruy Duarte de Carvalho que possui várias camadas de representação. A partir do que foi exposto nestas linhas, lembro que a base filosófica e sociológica do escritor é uma referência a linhas de pensamento como as de Achille Mbembe e de Hampâtê-Bâ, o que é visto no livro *Actas da Maianga... dizer das guerras, em Angola...* por exemplo. Mas, a obra *Hábito da terra* é o texto detentor de toda uma potência literária e antropológica que se desloca do senso comum científico para o campo artístico. A releitura dos provérbios revela-se como uma construção textual que diz o que deve ser dito sem impor, sem

restringir e sem limitar, através de um movimento mitopoético. O texto constrói e desconstrói para poder recriar. É, dessa forma, que ele diz. Assim, tomo a liberdade de afirmar, porque as fronteiras dos gêneros literários na obra de Ruy Duarte de Carvalho são fluidas, que o mito é uma linguagem do saber, cuja lógica do ocultar e desocultar é a própria essência da palavra poética. Linguagem, então, que, por meio da fusão entre Antropologia e mitopoesia, contribui para uma representação e recriação de Angola em sintonia com as realidades internas do país.

#### Referências bibliográficas:

BÂ, Amadou Hampâté. "A tradição viva". In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. v. 1, cap. 8, p. 172-173.

BRUGIONI, Elena. *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. p. 128.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *A câmara, a escrita e a coisa dita...*. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1997. p.100, 112, 113.

\_\_\_\_\_. *Actas da Maianga... dizer das guerras, em Angola*. Luanda: Caxinde, 2003. p. 30, 70.

\_\_\_\_\_. *Hábito da terra*. Luanda: Maianga, 2004. p. 11, 25- 27.

\_\_\_\_\_. *Vou lá visitar pastores - exploração de um percurso angolano em território Kuwale (1992-1997)*. Lisboa: Cotovia, 1999. p. 16, 17, 27, 29, 101,111,112 e 359.

H, Leandro Gama. Literatura: magia da linguagem ou linguagem da magia? *Letra*, Rio de Janeiro, Ano VI, Vol. 2, p.1-200, ago/dez 2005. p. 114-115.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Traduzido por Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014, p. 218.

ORNELLAS, Sandro. Ruy Duarte de Carvalho em transumância pelos discursos. *Eutomia*, Pernambuco, v. 1, n. 3, p. 206-207, jul. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/issue/view/118>>. Acesso em: 14 maio 2019.

\*\*\*

#### Sobre a autora:

**Julia Goulart Silva:** Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas em Literaturas Africanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** 21 de julho de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 22 de agosto de 2021.

\*\*\*

#### Como citar:

SILVA, Julia Goulart. Ruy Duarte de Carvalho: o dizer poético de Angola. *Revista Transversos*. Dossiê: Africanizar: resistências, resiliências e sensibilidades. Rio de Janeiro, nº. 22, 2021. pp. 183-197. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2021.52976

